

J. A. Leite Moraes

Apontamentos
de viagem

Introdução, cronologia e notas de
ANTONIO CANDIDO



P E N G U I N

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução, cronologia e notas

© 1995 by Antonio Candido

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, J. A. Leite, 1835-1895.

Apontamentos de viagem / J. A. Leite Moraes ; introdução, cronologia e notas Antonio Candido. — 1. ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-63560-32-2

1. Brasil — Descrição e viagens 2. Diários I. Candido, Antonio. II. Título

11-11200

CDD-918.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Diários de viagens: Brasil: Descrição e viagens 918.1

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Antonio Candido	7
APONTAMENTOS DE VIAGEM	17
Duas palavras ao leitor	19
De São Paulo à capital de Goiás	27
Da capital de Goiás a Belém do Pará	80
De Belém do Pará a São Paulo	211
<i>Cronologia</i>	233

Duas palavras ao leitor

Nomeado presidente da província de Goiás, com a honrosa comissão de executar a reforma eleitoral, efetuada pela lei nº 3029, de 9 de janeiro de 1880, da qual havia sido na imprensa um apóstolo convencido e defensor dedicado, e não podendo, por isso mesmo, recusar o encargo, embora superior às minhas forças, a 27 de dezembro de 1880 parti desta capital, e, seguindo por Casa Branca, Cajuru, Mato Grosso, Franca, Santa Rita do Paraíso (província de São Paulo), Uberaba, Monte Alegre (província de Minas), Vila Bela de Morrinhos, Alemão, Anicuns (província de Goiás), cheguei à capital desta província a 31 de janeiro de 1881.⁶

E a 1º de fevereiro tomei posse da presidência, e a exerci até 9 de dezembro do mesmo ano.

Os meus atos como administrador constam do *Correio Oficial* da mesma província, dos relatórios que se imprimiram na Tipografia Nacional, sendo um deles o que li perante a respectiva Assembleia Provincial, e outro

6 Mato Grosso é hoje Altinópolis; Santa Rita do Paraíso, Igarapava; Monte Alegre, Monte Alegre de Minas; Vila Bela de Morrinhos, Morrinhos; Alemão, Palmeiras de Goiás. As outras cidades conservaram os seus nomes. (As notas numeradas são de Antonio Candido. As pouquíssimas do autor têm asteriscos e a indicação N. A.)

com o qual passei a presidência, além dos *Apontamentos* sobre o prolongamento da estrada de ferro Mogiana a Mato Grosso, já publicados por ordem do ex-ministro da Agricultura, o conselheiro M. Buarque de Macedo.

Não pretendendo descer o Araguaia até o Tocantins, e muito menos o Tocantins até o Pará, por faltar-me para isso o tempo, mas desejando conhecer o ponto indicado pelos práticos para a passagem da linha férrea no Araguaia, a 10 de novembro parti de Goiás para a Leopoldina, porto de embarque, desci, no vapor *Mineiro*, até o destacamento de São José, em frente à primeira aldeia de *carajás*, e, voltando à Leopoldina, subi, no vapor *Colombo*, até o Itacaiú Grande, de cujo ponto regressei, chegando à capital a 30 de novembro.

Esta pequena excursão pelo Araguaia convenceu-me que não podia voltar por terra a São Paulo, porquanto as trinta léguas que separam Goiás de Leopoldina, vencidas a cavalo, agravaram-me o incômodo que já sofria, e adquirido na minha longa viagem de Casa Branca à capital daquela província, e convenceram-me da impossibilidade em que me achava de vencer a cavalo uma distância, pelo menos, de 150 léguas.⁷

Em Leopoldina recebi, do venerando conselheiro J. A. Saraiva, a licença solicitada instantaneamente para retirar-me, quando o governo imperial não quisesse demitir-me.

De posse da licença, não era possível conservar-me por mais tempo ausente de minha querida família, tanto mais que estava cumprida a principal comissão que ali me levava — a da fiel execução da reforma eleitoral.

Então, deliberei fazer a viagem numa liteira, não a encontrei; em um trole, faltaram-me animais adestrados.

E não podendo viajar a cavalo, e não tendo outro meio

⁷ *Légua*: antiga medida linear, variável conforme o país. Em Portugal equivalia a 3 km. No Brasil equivalia geralmente a 6 km, mas podia chegar a 6,6 km.

de locomoção, resolvi descer o Araguaia e o Tocantins até o Pará.

E assim visitaria os presídios militares⁸ situados nas suas barrancas, estudaria as condições de navegabilidade daqueles rios, e da mais fácil, mais segura e mais econômica comunicação do Norte com o Sul do Império.

Bem sabia que a época era péssima; os rios estavam ainda na sua maior vazante; as cachoeiras descobertas, e que as febres paludosas nos visitariam...

Fiquei só com a minha resolução; todos a contrariavam, fazendo crescer aos meus olhos as inúmeras dificuldades da viagem, com horrorosas descrições de seus perigos.

Eu apenas respondia aos amigos: “Qual outro caminho para o meu regresso? Por terra? Querem porventura que, após trinta ou quarenta léguas de viagem, fique eu à beira da estrada, apenas ao abrigo de uma barraca, sem recursos de alimentação e especialmente sem os da medicina?”.

Mas as febres no Araguaia... os índios sempre traiçoeiros e ferozes... as formidáveis cachoeiras do mesmo rio e do Tocantins... os muitos naufrágios de todos os anos... os jacarés... a frequente insubordinação dos tripulantes dos botes... replicavam-me eles.

A tudo isto, simplesmente eu respondia: “Ao menos farei a viagem para o Pará ou para a eternidade... deitando numa rede”.

Carlos Augusto, meu oficial de gabinete, apoiava a minha resolução e acompanhava-me.

Além dele, o único goiano que me animava — era o ilustre e distinto cidadão João José Corrêa de Moraes, empresário da navegação do Araguaia, prometendo-me facilitar a viagem tanto quanto estivesse em suas mãos, tudo providenciando sobre a organização de um pessoal de inteira

8 *Presídio*: no texto de Leite Moraes, é um posto militar de beira-rio, que pode servir também de prisão para militares e presos políticos.

confiança, e respectiva alimentação, compromisso de que desempenhou-se como um perfeito cavalheiro.

Assim tendo resolvido, no dia 9 de dezembro, pelas onze horas da manhã, parti de Goiás para Leopoldina, e a 17 desci no bote *Rio Vermelho*, rebocado pelo vapor *Colombo*, até Santa Maria, onde cheguei a 25, e a 27 continuei a descer o Araguaia, mas só no bote referido, tripulado por dezesseis remeiros; saí no Tocantins, e, por alguns de seus afluentes, desci até o Pará, em cuja capital cheguei a 14 de janeiro de 1882.

A 16 do mesmo mês, a bordo do paquete nacional *Ceará*, segui para o Rio de Janeiro, onde cheguei na noite de 31, desembarcando a 1^o de fevereiro, tendo visitado todas as capitais do Norte, com exceção apenas das do Amazonas, Rio Grande e Sergipe.

A 5 de fevereiro, pela estrada de ferro do Norte, cheguei a esta capital; a 6 segui, pela linha férrea d'Oeste, até Belém do Descalvado, e a 7, tomando um trole e depois um cavalo, cheguei à noite em Araraquara, onde encontrei a minha família em paz, reunida em conselho e deliberando sobre a condução que devia mandar ao meu encontro!

Tomei os meus apontamentos relativos a estas viagens, e, porque podem interessar o país, venho hoje dá-los à publicidade.

Escrevi-os — ora a cavalo, ou à sombra de uma árvore, ou de um rancho, de uma barraca, ora deitado numa rede, ou na minha cama de campanha, ora sobre o tombadilho de um vapor, ou sobre a tolda de um bote, no meio das cachoeiras, ou das matas, dos índios ou das feras, sempre exposto a um sol abrasador e ardentíssimo, tomando-os a lápis num pequeno livro de duzentas páginas, comprado ao meu amigo H. Garraux.⁹

9 Leite Moraes refere-se ao dono da casa Garraux, loja com seção de livraria e papelaria fundada em 1860 pelo francês Anatole-Louis Garraux, a quem atribui por engano a inicial H.

Tomei-os — dominado pelas impressões do momento, e muitas vezes com a consciência de que aproximava-me do termo fatal da existência...

Descrevo os acontecimentos com inteira e rigorosa fidelidade, narro o que vi, o que senti, o que observei com plena isenção de espírito e a mais completa imparcialidade, descendo a todas as circunstâncias que rodearam diversos incidentes, como um solene e salutar aviso aos futuros exploradores daquelas regiões.

E julgo assim prestar um bom serviço ao meu país, a este pobre país desconhecido completamente de seus próprios governos, de seus historiadores, de seus geógrafos.

A única recompensa para tantos e tão extraordinários trabalhos, realizados por entre os maiores perigos, é a satisfação que me vem da consciência de haver cumprido o meu dever no desempenho da difícil e espinhosa comissão de que fui incumbido, provando, quer na cadeira da presidência, quer nos sertões de Goiás, Mato Grosso e Pará, que, a todos os meus atos, determinados pelos princípios rigorosos da justiça e moralidade, presidiu sempre um espírito eminentemente democrático, e que nas minhas veias corria o sangue paulista.

E, como os meus antepassados, afrontei todos os perigos das matas, dos rios, das feras, dos selvagens, tomando todos os meios de locomoção lembrados pela barbaria e depois aperfeiçoados pela civilização.

Segui-os por sobre as suas pegadas, ouvindo aqui e ali, por toda a parte, a gloriosa tradição de suas façanhas, e, quantas vezes como eles, calmo e imperturbável, não encarei frente a frente a morte, despedindo-me da terra natal, da família e dos amigos?!

Das vertentes do Prata caí nas do Amazonas; estive em contato com a natureza a mais rica e luxuriante deste Brasil; pisei as suas fabulosas minas de metais preciosos; sulquei as águas de seus grandes rios; atravessei as suas decantadas e formidáveis cachoeiras; entrei nas

aldeias de 2 mil arcos; estive entre centenaes de selvas; admirei as castanheiras com suas copas frondosas dominando as matas, e curvadas ao peso das castanhas; conheci o pau-brasil, a seringueira, o cacau e muitos outros produtos naturais que enriquecem o comércio do Pará com a Europa e com os Estados Unidos, e, diante de tantas grandezas, sonhei um *novo mundo*, que, na frase de um ilustre paraense, ainda não teve o seu *Colombo*!

Percorri, de São Paulo ao Pará, uma extensão talvez de setecentas léguas, e este modesto livro será um pálido reflexo de tudo quanto observei nessas regiões, em grande parte ainda dominadas pelo selvagem, nessa natureza virgem, exuberante de seiva, a trasbordar de riqueza, que assombra mas que se vê, que se apalpa, classifica-se e discrimina-se.

Eis os meus apontamentos; assim foram tomados, assim os entrego à publicidade.

São Paulo, novembro de 1882